

## Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón Milão, 20 de março de 2019

*Texto de referência: L. Giussani, Por que a Igreja, Cia Ilimitada, São Paulo 2015, pp. 345-354.*

- *Monologo di Giuda*
- *Non son sincera*

*Glória*

**Carrón:** Hoje vamos falar das duas últimas características da Igreja: a catolicidade e a apostolicidade. Fiquei tocado que o ponto de partida de Dom Giussani para falar da catolicidade seja uma constatação, expressa com as palavras de J. H. Newman: “A Igreja possuía [...] um título de honra que todos concordavam em reconhecer”, um título que era evidente e que é usado praticamente deste o início, ou seja, o fato de ser “católica”. Para que se possa entender isso mais claramente, Newman faz uma comparação com as seitas que, por definição, eram o contrário de uma realidade católica, porque não tinham todo o respiro da catolicidade. E, citando São Paulo, diz: “o herege ‘condena-se sozinho’ e diante das seitas dos primeiros séculos não houve necessidade de um testemunho mais claro [sobre o que fossem as seitas] do que aquele que as seitas davam por si sós acerca do contraste existente entre elas e a posição da Igreja” (p. 345-346). No modo de viver a Igreja, cada um de nós documenta uma ou outra dimensão – esta também é uma constatação –. No modo com que vivemos nos colocamos diante de todos com uma posição ou com outra, de modo que não é necessário acrescentar nada, porque é evidente uma coisa ou outra. Esta frase me impressiona: o “testemunho mais claro” era “aquele que as seitas davam por si sós”: na maneira com a qual se coloca, a pessoa diz tudo. Em seu modo de se colocar, a Igreja e as seitas mostram o que são. A Igreja – nos diz Dom Giussani, sempre citando Newman –, aos poucos, tomou consciência de si. É impressionante como ele exprime isso: “o traço distintivo” da Igreja era, antes de tudo, uma singularidade – a sua catolicidade –, experimentada desde as origens. O início de tudo era uma experiência, e a experiência da origem é a mesma que cada um de nós vive agora. Antes de tudo, o pertencer à Igreja é uma experiência da qual precisamos nos dar conta constantemente. A Igreja foi tomando consciência dessa experiência aos poucos, até entender “as próprias dimensões essenciais” (p. 346). Isso é fundamental: o percurso que a Igreja precisou fazer é o mesmo que deve fazer cada um de nós para que a nossa primeira experiência da Igreja se torne verdadeiramente consciente de todas as suas dimensões essenciais. Do contrário, permanecemos com uma consciência fraca e, então, quando nos encontrarmos diante das vicissitudes da vida, podemos reduzir a catolicidade, a experiência de catolicidade. Por isso é importante o que diz o texto, porque o que aconteceu no início da história da Igreja vale também para cada momento da história sucessiva, aquela história que nos alcançou e que nós vivemos, indicando o que distingue uma forma completa de viver a Igreja de uma forma reduzida. Marcou-me uma pessoa que, convidada a participar da vida do Movimento, escreve: “Vivia uma situação difícil. Quando minha quarta filha nasceu foram detectados pequenos problemas de saúde e, de repente, minha vida mudou. Desde o trabalho até a casa. Uma situação que estava se tornando pesada, sentia-me cada vez mais sozinha, até deprimida. Uma amiga da paróquia me propôs participar do seu grupo de Escola de Comunidade. Não sabia absolutamente do que se tratava, tinha apenas uma vaga ideia pelas coisas negativas que ouvia falar. Será que é um tipo de seita [logo surgiu nela a pergunta]? Mas só o fato de ter sido proposto por aquela amiga era tranquilizador e tinha certeza de que era um bem para mim”. Cada um de nós vive um certo tipo de experiência que o outro, encontrando-nos, pode captar logo, mesmo diante da pergunta: será que é uma seita? Depois, há todo o percurso da verificação, ao longo do qual se revelará de modo mais explícito a resposta a essa pergunta. Prossegue: “Fui ao Dia de Início de Ano com minha amiga, sem entender muito. Tentei ser fiel ao grupo e comecei a falar de mim e a escutar a experiência dos outros. Também fui a uma Assembleia da comunidade. Ainda não sei bem o que é CL nem o que o futuro me reserva, mas nestes meses percebi que mudei. É

como se a “depressão” tivesse desaparecido. Sinto que preciso das pessoas do grupo, sinto que eles são um dom para a minha vida (mesmo partilhando pouco ou nada da vida e dos interesses). Durante meus dias, que passo prevalentemente com a menina ou fazendo algum trabalho sozinha, normalmente me pego pensando neles [entram na percepção que têm de si, mesmo não os vendo com frequência], e isso me conforta e me sustenta. Não me envergonho mais de não entender o que leio porque, depois, nas colocações, nas coisas que eles contam, todo o conteúdo do livro se esclarece. Descobri a mim mesma e quem eu sou [vê-se imediatamente que alguém está participando de uma história que tem todo o respiro da catolicidade pela capacidade que encontra nela de responder à necessidade humana, de fazer descobrir a si mesma]. Apesar de tudo, meu coração está melhor e tudo o que faço tem um sabor diferente [a experiência lhe confirma a intuição que teve quando encontrou aquela amiga]. Agradeço às minhas “amigas” por terem aparecido no meu caminho e porque mantêm firme aquele fio que de vez em quando sinto puxarem para me lembrar do caminho certo”. A experiência desta senhora não terminou com aquele início. Às vezes, no decorrer do caminho, podemos encontrar obstáculos que nos desafiam a aprofundar o que diz Newman, ou seja, para crescer mais na consciência dos traços distintivos da Igreja.

**Colocação:** *Lendo estas páginas de Por que a Igreja, surgiu uma dúvida. Fala-se de catolicidade como uma das características intrínsecas da comunidade eclesial: “aquela que internamente à unidade da fé [...] exprime-se por meio de diferentes mentalidades, culturas, civilizações” (p. 348). É uma perspectiva entusiasmante, porque compreende tudo, não elimina nada. Mas a dúvida que surge é sobre a verdade, entre nós, desta experiência de totalidade e diversidade. Sempre me parece que entre nós há regras subentendidas às quais se deve aderir e sem as quais não se faz parte do grupo efetivamente. Como se precisasse esconder alguns lados meus e mostrar apenas outros. Então me pergunto: quando caímos nesses pensamentos, o que acontece? Em que nos enganamos? É verdade que há aspectos de mim que não podem ser valorizados? Como primeira intuição, repensando nos momentos nos quais me sinto fora da comunidade e sinto-me sozinha, mesmo que no meio de mil amigos, parece-me que a origem seja a percepção que tenho de mim: sou a primeira a não gostar de mim, a não me aprovar, a não me considerar certa, a ter a percepção de que tenho características desagradáveis. Esta percepção tem como primeiro efeito a tristeza, e como segundo, o fechamento. E justamente aqui que, depois, surgem os pensamentos sobre a comunidade: fecho-me a mim mesma e depois, inevitavelmente, aos outros. A única maneira de recomeçar sempre foi um imprevisto, algo que me pegava de surpresa e me lançava novamente. Com o tempo essa dinâmica tornou-se cada vez mais rápida porque comecei a confiar e esperar o recomeço. No entanto, muitos entre nós estão cada vez mais distantes e menos disponíveis ao imprevisto. Como é possível nos ajudarmos nisto? Como nos olharmos como todos desejaríamos, sem limites e formalidades?*

**Carrón:** Como podemos nos ajudar? O que você aprende daquilo que você está contando? O que lhe fez recomeçar?

**Colocação:** *Confiar.*

**Carrón:** E quando você não encontra pessoas em quem confiar? É importante entender isto. Todos temos clara a definição do que é a Igreja, mas, depois, é como se houvesse – diz você – regras subentendidas pelas quais se não tenho determinadas características, não faço parte do grupo efetivamente. É como se faltasse todo o respiro da catolicidade. Isso significa que muitas vezes nós vivemos a catolicidade, ou podemos vivê-la em certos lugares, com uma falta de respiro. Somos pobres coitados e vivemos nosso pertencer à Igreja, às vezes, com uma incapacidade de abraçar o outro segundo toda a sua diversidade e de acolher o momento do caminho que está vivendo; e então pensamos que precisamos esconder certas coisas para sermos acolhidos. Em relação a isso, cada um deve fazer um percurso. Você disse que lhe veio a suspeita de “que a origem seja a percepção que tenho de mim”, uma percepção que levou você a se fechar. E isto a obrigou a fazer um percurso. Senão, no final, nós nos deixamos definir por essa percepção, como se o pertencer à Igreja fosse simplesmente sermos acolhidos em um grupo e não, ao contrário, a experiência de pertencer a algo que me torna cada vez mais eu mesmo. Às vezes, como você diz, é um imprevisto que lhe dá de

novo a consciência de si, e pode acontecer também através do trabalho da Escola de Comunidade, através do reconhecimento do que aconteceu na sua vida, que lhe torna disponível a recuperar a consciência de si. Você precisa dar-se cada vez mais conta da experiência que viveu para que, quando se encontrar em uma situação como a que você descreveu, não falte a consciência do que lhe aconteceu. É preciso crescer naquilo que dizíamos antes sobre a Igreja: você teve uma primeira experiência, mas se isto não se torna consciência de si, das dimensões essenciais daquilo que lhe aconteceu, depois, você dependerá do fato de que alguém a acolha ou não, da capacidade do lugar onde você vive a fé de ser suficientemente acolhedor. Pelo contrário, você pertence por causa do Fato que lhe aconteceu! E é fundamental que cresça essa consciência de si, como você viu, senão você se reduz, não gosta de si mesma e olha para a comunidade a partir desse desprazer e dessa ferida. Porém, sempre voltamos ao lugar onde acontece o imprevisto que nos devolve todo o respiro de que precisamos. Por isso, é interessante que nos demos conta não só do início, mas do percurso que é preciso fazer para que as dimensões da vida da Igreja entrem na modalidade com a qual vivemos a nossa humanidade. Como sabemos que este início é tão fundamental para recomendar? Como sabemos se estamos encontrando verdadeiramente a Igreja católica? O texto diz que “a Igreja reivindica para si a prerrogativa do humano autêntico” (p. 347). Mas o que significa esse humano autêntico?

**Colocação:** *Eu descobri isso caminhando.*

**Carrón:** Perfeito.

**Colocação:** *A propósito, gostaria de dar um testemunho sobre a catolicidade e depois fazer uma pergunta pessoal. Retomo o ponto da página 347: “A catolicidade é, portanto, uma dimensão essencial da Igreja, e exprime fundamentalmente a sua pertinência ao humano em todas as variáveis das suas expressões”. Ao considerar a minha experiência, olho para uma expressão do meu humano que o caracterizou radicalmente desde a minha infância: a depressão. Para mim é profundamente verdadeiro: a Igreja me corresponde perfeitamente naquela minha particular expressão que é o meu distúrbio, a tal ponto que me ensinou a vivê-lo e a julgá-lo como meu caminho muito particular com e em direção a Jesus Cristo. As relações humanas nas quais vivo e o senso de um destino último bom para mim são parte essencial na melhora do meu distúrbio. Disso tenho intimamente certeza, uma certeza que só pode vir de uma experiência julgada. Agora vem a pergunta: às vezes, você faz referência ao nada que em certos momentos “nos devora por dentro”. Acredito que você saiba perfeitamente que a minha patologia comporta a experiência intensificada e incapacitante desse nada: eu o descreveria como uma sensação de pulverização interior, uma perda do próprio centro, uma sensação de náusea pelas coisas normais, junto com uma agitação, uma inquietude, uma opressão, uma ansiedade, um pânico gerados por essa mesma experiência interior de perda de si. A pergunta que quero lhe fazer baseia-se no pressuposto de que a experiência do nada, assim como descrevi, é própria, com intensidade menor e não incapacitante, também de quem, como você, abraça catolicamente toda a própria humanidade, sem censurar “nem uma vírgula”, nem aquilo que parece ser o exato oposto daquela vida superabundante da qual, no entanto, fazemos experiência na Igreja. Você, no ponto do caminho em que chegou, como vive os momentos nos quais o nada lhe devora? Não estou pedindo receitas, mas a descrição da sua experiência, de como o caminho na Igreja e no Movimento levou-o a viver, hoje, a sua experiência do nada.*

**Carrón:** A primeira coisa que posso fazer é amar a minha humanidade assim como é, porque a minha humanidade pode atravessar períodos ou circunstâncias ou momentos escuros – talvez não tão agudos como os que você conta – que a mim não são poupados, como você viu em tantas ocasiões. Agora, essas circunstâncias, que podem ser percebidas como uma desgraça, como algo a ser evitado, como algo a ser escondido, não consigo deixar de olhá-las de frente. Pode ser que existam momentos nos quais, depois, se possa ter mais ou menos dificuldade, mas há algo mais profundo do que todos os distúrbios – digamos – incapacitantes que alguém possa ter, do que todos os momentos nos quais o nada ronda. É justamente nesses momentos que a pessoa se dá conta de

qual é o fundo do eu, o fundo mais profundo do eu, onde se dá conta de toda a vertigem, de todo o vazio que há no fundo do eu.

**Colocação:** *O vazio da falta...*

**Carrón:** Da falta, da solidão, da ausência de significado naquilo que faço, em tudo, porque nada é excluído. Às vezes, tentamos escapar logo, porque pensamos que quanto antes superarmos a situação tanto melhor será para nós. Mas se a pessoa não foge e deixa todo espaço para esse momento de mal estar, para essa dificuldade, para esse vórtice, então emerge com clareza qual é a profundidade do eu, aquela profundidade que é mais enraizada em nós do que toda a superfície desses momentos e estados de ânimo. E é neste ponto que a razão não se reduz mais a registrar apenas os momentos mais evidentes e começa a dar-se conta da profundidade das coisas. É um momento em que a pessoa pode verdadeiramente aprender a usar a razão segundo toda a sua potência.

**Colocação:** *Justamente naquilo que pareceria negar isto.*

**Carrón:** Gosto muito de uma expressão de Giussani: “Brandir a razão”, porque o eu não é reduzido às aparências. Recentemente, durante um encontro, uma amiga me perguntava o que significa usar a razão. Tentei ajudá-la dizendo que quando se usa a razão segundo a totalidade dos fatores, segundo sua abertura total, seguindo a exigência de dar a razão adequada de todos os fatores do eu, não pode – se a usa bem, se é educada a usá-la bem – não chegar a reconhecer o Mistério que nos faz. E quanto mais você usa a razão tanto mais se abre ao Infinito que lhe faz e se liga a Ele, e então começa a sair do nada. O nada é vencido pelo meu reconhecimento d’Aquele que me faz agora, d’Aquele sem o qual eu não poderia existir agora, com todas as minhas inquietações, meus problemas e meu sentimento X das coisas. Justamente porque sinto todas essas coisas, eu existo. Se você não existisse, não poderia sentir tudo o que descreveu. Paradoxalmente, quanto mais percebo isso tanto mais dou-me conta de que estou vivo e que, portanto, um Outro me faz. Então, entendo que aquilo ao que a Igreja me introduz constantemente é justamente à verdade de mim. Mas este é um caminho que a pessoa pode fazer ou não: pode ficar na aparência e, então, o nada vence. Ou pode ir atrás da exigência de dar a razão de tudo e, então, é o momento da vitória sobre o nada, pela descoberta da ligação com o Mistério que me faz agora. Sempre me impressiona como Dom Giussani sempre nos convidou a este exercício da razão quando, no fim do capítulo décimo de *O Senso Religioso*, diz que na nossa cultura positivista e racionalista, no uso da razão muitas vezes paramos na aparência, nesse tipo de fenômenos como os que você descreveu. Paramos ali e sufocamos. Então, como sei se estou usando bem a razão? Se respiro. Se através daquela situação difícil – não em outra, não amanhã, não depois de amanhã – entro em relacionamento com Aquele que me faz. Quanto mais uso a razão, mais sou convidado a usá-la através das circunstâncias, porque não posso permanecer sufocando (como se isso me correspondesse), porque sou feito para outra coisa. E quanto mais amo a mim mesmo tanto mais preciso experimentar isso. Se vocês não sentem a urgência de fazê-lo, cada um de vocês sofrerá as consequências. Mas se a pessoa tem um mínimo de amor por si mesma, de ternura por si, não pode não desejar ir até o fundo de si, até o ponto de reconhecer Aquele que a faz respirar. E isto, como diz Giussani, tem a capacidade de curar o eu. Isso não significa que não terá mais dificuldades, mas é como se isso não lhe assustasse mais porque todas as vezes pode desafiá-las, uma vez após a outra. Por isso, “a catolicidade é uma dimensão essencial da Igreja”. Por que a Igreja é católica? Porque é pertinente ao humano, à totalidade do humano, a cada humano, em qualquer situação cultural, social, psicológica ou sei lá o quê em que o homem possa se encontrar. “O fato de a Igreja ser católica significa, portanto, que a verdade e o espírito da Igreja, o que ela proclama e a experiência a que introduz” (p. 347) é esta verdade de si e da vida. Ela carrega essa verdade. Leva a entender a dimensão humana na sua inteireza, não reduzida aos fatores antecedentes, e isso pode acontecer em qualquer situação psicológica, em qualquer cultura e com qualquer mentalidade, porque na Igreja católica podemos encontrar a realização mais adequada do humano autêntico. No texto, Dom Giussani diz sinteticamente que “o catolicismo [...] declara corresponder simplesmente àquilo para que o homem é destinado” (p. 348). Todos nós somos chamados a fazer experiência disso, para colher todo o alcance do pertencer à Igreja católica. Ninguém pode fazer isso no nosso lugar. E é participando de

um lugar como o Movimento que eu aprendi a viver assim, a perceber como a proposta da Igreja católica, vivida em um lugar como o nosso, através do carisma que nos aconteceu, é pertinente ao humano, a qualquer humano, em qualquer situação em que estejamos. É a razão pela qual estou contente por estar vivendo essa situação histórica, porque posso verificar ainda mais, em comparação com um contexto mais calmo, mais tranquilo e com menos problemas, o esplendor ainda mais potente da diversidade da Igreja católica em comparação com qualquer outra modalidade de viver mais reduzida e mais sufocante. Porque é evidente, está escrito no nosso rosto. Que alívio quando seguimos, a ponto de perceber toda a pertinência ao humano, a qualquer humano, que se encontra na Igreja!

**Colocação:** *No último encontro de Escola de Comunidade do meu grupo eu me coloquei porque não conseguia entender na experiência as conclusões às quais Dom Giussani chega no fim do segundo capítulo. Em particular, a frase que diz que “cada um desses traços distintivos [unidade, santidade, catolicidade e apostolicidade] escancara a mente e o coração para que beba de todas as riquezas do humano autêntico presente em toda a humanidade, cuja origem é uma, cujo destino é um, cujos diversos caminhos são chamados a realizar-se na companhia d’Aquele Uno que quis Se tornar dom humano para que não perdêssemos o caminho” (p. 354). Eu entendo que Dom Giussani pede o trabalho de verificação da experiência do divino na Igreja. E acho isso decisivo neste período em que vejo sobre mim o desafio das responsabilidades do cotidiano. No trabalho, colaboro com uma colega que está atravessando um momento muito difícil da vida. É atea. Há alguns anos observa e se interroga sobre certas posturas e certas iniciativas das quais eu participo; ela foi comigo fazer a Coleta de Alimentos, também foi com seu filho ao Encontro de apresentação da Mostra de Giancarlo Rastelli que montamos no hospital, e me pediu para não esquecer dela porque quando vai comigo a iniciativas desse tipo se sente bem, e fica contente em me ver feliz. Alguns dias atrás, pediram-me para ajudá-la a fazer um relatório urgente, que a deixava muito ansiosa, em um momento em que as preocupações do cotidiano estão dominando a sua vida. No fim do dia, me disse: “Vocês são a minha Igreja”. Na manhã seguinte, apresentando o relatório ao nosso diretor, ela lhe disse: “Elas são a minha Igreja”. Lembrei-me da pergunta que fiz no grupo e fiquei tocada, porque é como se tivesse me dado conta de que o caminho dela é destinado a reconhecer uma Presença que a acompanha em direção a um destino bom e que permite a ela levantar o olhar. Caso contrário, como dizíamos um tempo atrás, o cotidiano, especialmente se é pesado, quebra as pernas. No fundo, é a mesma necessidade que eu tenho. Só que, mesmo tendo reconhecido isso, não está tudo bem, porque no trabalho temos dificuldades e, no cotidiano, continuam existindo prazos e a vida pessoal insta. Dou-me conta de que só faz sentido dizer cada palavra se reconheço e afirmo ser eu a primeira que tem necessidade. E então volto a buscar os “santos” que me documentam a unidade de suas vidas no cotidiano. Percebo que o valor divino está aqui. Ainda bem que existe um lugar onde posso estar e no qual posso confiar meu desejo de felicidade (que corresponde à busca que minha colega está fazendo), porque não há nada que eu possa “fazer bem” sem esse reconhecimento, nem mesmo as boas intenções ou tentativas de perfeição.*

**Carrón:** Por que sua colega lhe diz: “Vocês são a minha Igreja”? E por que diz ao chefe: “Elas são a minha Igreja”? O que você comunicou a ela, que a faz usar essa expressão: “A minha Igreja”?

**Colocação:** *Acho que se refere ao fato de que viu a maneira como eu e algumas colegas que são próximas dela nos tratávamos, e a maneira de tratá-la e acolhê-la, de gostar dela e apoiá-la mesmo quando, em certos momentos, não é óbvio fazê-lo. Então, junta algumas coisas que está vendo há alguns anos e chama tudo isso assim. Ela é atea e tem curiosidade.*

**Carrón:** Ou seja, reconhece a pertinência de vocês ao humano dela. Participando da Igreja de vocês, da Igreja que chega a ela através de vocês, respira e se sente melhor. Você disse que às vezes não está tudo bem e, então, o que você busca? Você está tão convencida dessa experiência que quando precisa, procura os “santos” (entre aspas), ou seja, aqueles em quem vê documentada uma unidade da vida no cotidiano.

**Colocação:** *Que é a mesma coisa que ela procura.*

**Carrón:** É a mesma coisa que ela procura: o respiro da catolicidade que diz respeito a toda a pessoa. E o que pode acontecer no relacionamento com uma pessoa, pode acontecer quando falamos diante de todos.

**Colocação:** *O ponto sobre a “catolicidade” é de uma clareza e concretude impressionantes. A comparação entre aquelas palavras e a vida de todos os dias fez surgir em mim com mais evidência um juízo preciso sobre a situação atual que estamos vivendo. O texto diz: “Essencialmente a catolicidade não é questão de geografia ou de números. Se é verdade que deve dilatar-se necessariamente no espaço e se manifestar aos olhos de todos, entretanto não é de natureza material, mas espiritual. Ela, antes de mais nada, é algo de intrínseco à Igreja. A Igreja, em cada homem, dirige-se ao homem todo, compreendendo-o segundo toda a sua natureza”. [...] Semelhantes métodos de proposta do fato cristão [...] testemunham, porém, a capacidade multiforme da experiência cristã dirigir-se ao homem como tal, e não ao expoente desta ou daquela civilização” (pp. 347, 350). Sua última entrevista ao Corriere della Sera (“Os soberanismos estão condenados ao fracasso. O cristão tem de vencer o medo”, por G.G. Vecchi, 10 de janeiro de 2019) documenta este juízo. Essa universalidade é mais conforme ao meu coração do que as outras visões ou posições. Penso no clima político e no medo que se respira na sociedade, no lugar de trabalho, e também entre nós, e na dificuldade de acolher o outro enquanto tal, por aquilo que é: aí está, o juízo do “vivo presente” contido neste parágrafo produz, se seguido, se deixo entrar em mim, uma mudança de mentalidade, de abordagem, de impostação, de juízo, gera um eu capaz de suportar o peso das situações e encontrar possíveis soluções que não deixem nada de fora, que não deixem de fora o meu coração e o de todos. Essa universalidade permite conhecer aquilo que, de outro modo, se estiver fechado em mim, não poderia conhecer. Começa-se a criar um clima diferente.*

**Carrón:** O que você viu naquela entrevista que fez você pensar na catolicidade?

**Colocação:** *Que você considera o fenômeno dos imigrantes...*

**Carrón:** Dos quais muitas vezes nos defendemos, começando a nos fechar em nós mesmos ou a criar muros, ou seja, a perder a catolicidade.

**Colocação:** *Você não o considera tanto como um fenômeno social, porque olha para a pessoa enquanto tal, para a pessoa concreta. E este olhar é sobre tudo, sobre todas as pessoas enquanto tais.*

**Carrón:** Senão, podemos estar aqui fazendo Escola de Comunidade e, depois, pensar como todos os outros que, vencidos pelo medo, fecham-se e perdem o respiro da catolicidade, erigindo muros de todo tipo. Não é que a Escola de Comunidade não tenha a ver com o que estamos vivendo, com o que está acontecendo no mundo; o ponto sobre a catolicidade é o juízo mais pertinente que podemos dar em relação a cada uma das posturas mais difundidas atualmente: a tentação de fechar e de se fechar. Pelo contrário, nós temos a possibilidade de viver uma experiência tão verdadeira que não fecha, mas abre. Por isso, na entrevista, eu perguntava: qual é a contribuição que a Igreja pode dar? Gerar lugares que, ao invés de fechar, abram à totalidade. Se um lugar como o nosso não abre à totalidade, se participando da vida do Movimento nos fechamos e pensamos como muitos dos nossos vizinhos ou contemporâneos, no final das contas, a experiência que fazemos não será capaz de nos dar um respiro universal, católico. E então, começaremos a nos defender de todos.

**Colocação:** *Exato.*

**Carrón:** Por isso é tão fundamental também a quarta e última característica da Igreja: a apostolicidade. Que dimensão deve ter este lugar para poder desafiar qualquer momento histórico? É o que descreve o termo “apostolicidade”: uma comunidade tem “um ponto de referência cheio de autoridade” (p. 351) para enfrentar de modo unitário o tempo, diz o texto. Somente a participação em uma história particular que tem um ponto de referência histórico, nos permite enfrentar de modo totalmente original as dificuldades de todos, os desafios de todos, com um olhar absolutamente universal, capaz de abraçar todos. Esse lugar, essa realidade humana, essa comunidade tem um ponto de referência último que reside em Roma: o Papa, o Bispo de Roma. No decorrer da história, a Igreja sempre identificou, como diz o texto, a referência cheia de autoridade com um ponto

histórico. Não é uma decoração, não é um chapéu colocado na experiência da Igreja, porque sem este ponto de referência cheio de autoridade não há possibilidade de acesso à verdade. É impressionante a audácia de Irineu, quando declara: “não se deve buscar junto a outros a verdade”, e todo aquele que quiser pode receber a verdade da Igreja como “bebida da Vida” (p. 353). Isso acontece dentro de uma história particular que tem um ponto de referência histórico. Por isso, a Igreja pode desafiar qualquer momento da história. A história muda, surgem desafios diferentes, com rostos, com traços sempre novos, mas o que, então, resiste no tempo?

**Colocação:** *No parágrafo sobre a apostolicidade, me marcou o fato de que a dimensão histórica da Igreja é “o milagre maior”, porque “constitui o enraizar-se das palavras de Jesus no tecido da história: ‘Em verdade, em verdade vos digo: se alguém guardar a minha palavra, nunca verá a morte’” (p. 353). Nestes dias, o filho de grandes amigos meus se suicidou e isso mandou pelos ares todos os pensamentos, todos os raciocínios, todas as palavras, porque me perguntei como é possível consolar uma mãe, como é possível não ter uma sensação de culpa. Seria preciso que Jesus estivesse aqui em pessoa dizendo: “Mulher, não chores!”, e nos fizesse ver que Ele vence a morte. Porém, a única coisa que sei, e que disse hoje também aos meus filhos quando conversava com eles a respeito disso, é que eu não consigo e não quero viver sem ter em mente este fato que aconteceu, quero continuar me perguntando, não “Por quê?”, mas: “Por Quem vale a pena viver?”. Você disse que “o cristianismo tem o inconveniente de precisar de homens para ser encontrável”. Então, a pergunta, que surgiu com muita clareza também nos meus filhos, foi: “Com quem?”, não apenas “Por Quem?”. Com quem posso ter Jesus ao lado me dizendo para não chorar? Onde está aquela realidade que “constitui o enraizar-se das palavras de Jesus no tecido da história”? Pensei que sei muito bem “com quem”, sei quem são as pessoas que são sinal e companhia do bom Deus. O problema é que a minha fé, ou seja, a minha consciência daquilo que eles são realmente, ou seja, a presença de Deus entre nós, é frágil, e minha consciência e conhecimento dessa realidade precisa crescer.*

**Carrón:** Por isso, no início, parti exatamente disso, da experiência da origem da Igreja e da necessidade de tomar consciência. E não porque não há diante de nós quem nos testemunhe as características próprias da Igreja católica, quer dizer, pessoas enraizadas nesta história particular que estão diante dos nossos olhos. Essa experiência é um convite à minha fragilidade, a tornar-se consciente do que carrega, porque não é mecânico, e tudo o que acontece é ocasião para fazer crescer essa consciência. Portanto, é preciso um caminho no qual a pessoa cresce, e quando chegam certos momentos que realmente constituem um desafio que vai além do cotidiano, somos chamados mais fortemente a essa consciência. Esta é a modalidade com a qual a Igreja nos acompanha. Vimos isto, e o teremos sempre diante de nós a partir de agora: nada desafiou Dom Giussani como a crise de ‘68. Justamente naquele momento, diante daquele desafio, tornou-se consciente da esperança que havia nele e nos convidou a dar um passo de um modo adolescente ou infantil de viver a fé para um modo maduro (a não colocar nossa esperança em algo que nos foi dito, mas a descobrir a esperança que está em nós). Este é o passo para a maturidade, que neste momento histórico – por tudo o que está acontecendo em nível pessoal, pela história pessoal que vivemos, pelas circunstâncias históricas – não podemos evitar. Os desafios são muito grandes: ou nós, como você nos disse, os usamos para uma consciência maior ou somos engolidos por todos esses fatos e caminhamos em direção ao niilismo de todos, ao ceticismo de todos. Por isso, o sinal de que sabemos que estamos em relacionamento com a Igreja apostólica, é que nos humaniza, nos torna mais nós mesmos. E o sinal de que estou ligado a esta comunidade que tem seu fundamento último nos apóstolos, o vejo pelo fato de que esta se dirige a todo o humano, a qualquer experiência humana que eu precise enfrentar. Mas é preciso verificá-lo em cada momento.

**Colocação:** *Começo dizendo que, mesmo tendo estudado Newman na universidade, nunca tinha me dado conta daquela definição da catolicidade como algo que “dirige-se ao homem todo, compreendendo-o segundo toda a sua natureza” (p. 347), talvez porque este aspecto esteja se aprofundando cada vez mais na minha experiência somente agora. Sempre tive a percepção nítida,*

desde o início, desde o primeiro encontro, de poder finalmente dizer “eu”, como nunca tinha dito. Mas, como você dizia no início deste encontro, foi no tempo que pude ver e que continuo verificando o Seu olhar concreto nos acontecimentos cotidianos, nos encontros de sempre, como algo que sempre me vence e me abre novamente. Porém, o ponto é que percebo que não O busco para procurar ficar em paz comigo, O busco e peço porque, num determinado ponto, me falta tudo quando falta Ele, e quando O revejo, só isso me liberta, me torna inteira e, portanto, quando estou em relacionamento com a humanidade que encontro. O que descubro, de fato, é que realmente essa “dimensão essencial da Igreja [...] exprime fundamentalmente a sua pertinência ao humano em todas as variáveis das suas expressões” (p. 347). Dou um exemplo. Na última sexta-feira fui à caritativa, como toda sexta, na estação ferroviária: levamos comida e roupas aos sem-teto que dormem ali, e passamos a noite com eles. Há italianos, chineses, sul americanos, romenos, africanos, árabes, uma humanidade variada, em suma. Muitas vezes, em momentos diferentes, essas pessoas nos disseram: “Ficamos com vocês e os esperamos, porque vocês não colocam uma distância”. Muitos grupos levam suporte e ajuda, mas eles dizem: “Quando vocês vêm é uma festa. Vocês não trazem só algo para comer – isso, de um modo ou de outro, conseguimos –, vocês nos dão sua amizade”. Numa sexta-feira, um assistido com quem tenho um relacionamento mais próximo, um brasileiro, respondendo a uma voluntária que estava ali pela primeira vez e lhe perguntava, espantada com o que via, como era possível que confiassem e gostassem tanto de nós, disse, textualmente: “A realidade é simples, você pode ter o olhar ofuscado pela vida e não se dar conta de nada, mas, a um certo ponto, se há um lírio, um único lírio no campo, você deve vê-lo... porque é muito bonito! Com eles é assim, é impossível não reconhecer o dom que fazem de si e isso me abre e me dá vontade de me doar também”. Na última sexta-feira, essa mesma pessoa me deu de presente uma pedra que pegou nas margens de um lago (tinha saído de Milão para procurar trabalho, tenta de todas as formas!). De um lado, estava escrito em português: “Amigo é coisa para se guardar do lado esquerdo do peito”. Do outro lado, havia o desenho, embora um pouco deformado, do meu rosto com um crucifixo no peito. Como eu não uso crucifixo, perguntei por que tinha me retratado assim. E ele me disse com naturalidade: “Não sei, foi espontâneo, não pensei nisso... É que a sua amizade me faz pensar em Deus”. Esta resposta me fez tremer porque eu não poderia ser tão amiga daquele homem – isso está claro para mim –, se não experimentasse que Cristo olha, ama e salva toda a minha humanidade! Só isso me permitiu olhar para aquele homem, desde o primeiro instante em que o encontrei, como um dom precioso, assim como é, sem pretender que mude de vida, sem querer nada dele e surpreendendo-me muitas vezes, ao estar com ele, sentir vibrar em mim o que Cristo me diz, através de toda a vida: “Quero que você exista. Exatamente você”. E é incrível, mas verdadeiro, o que Dom Giussani diz quando afirma que “é porque existe esse Cristo que não há homem que não me interesse” (É possível viver assim?, Cia Ilimitada, São Paulo 2008, p. 282). Tanto é verdade que, quando soube da notícia do atentado na Nova Zelândia, fiquei horrorizada e ferida, porque percebi que, sem um encontro histórico, sem Ele que revela e defende todas as dimensões do meu humano e também desperta em mim o aspecto último do coração do outro, no fim, permaneceria estranho ao aspecto último do meu coração. Por último, gostaria dizer que no último encontro você nos lançou uma pergunta para a Quaresma: “Estou seguindo Jesus dentro da história na qual se apresentou a mim? Quais sinais me mostram que O estou seguindo?”. Eu lhe agradeço porque, desde aquele dia, estou vivendo a necessidade de parar para olhar a realidade e de julgar a minha experiência tendo no canto dos olhos essa pergunta. Além disso, só o que eu contei, na sua excepcional normalidade, para mim é um sinal patente da origem da história particular de Jesus comigo e do fascínio do carisma.

**Carrón:** Ou seja, daquela história particular que nos alcançou e que tem toda sua raiz na apostolicidade da qual fazemos parte. Por isso, participar deste lugar, que tem essas dimensões, nos escancara constantemente a uma unidade do nosso eu, como vimos quando aprofundamos a característica da “unidade” da Igreja, e nos escancara à totalidade, justamente participando dessa “apostolicidade”. Que graça poder ter um lugar que nos gera desse modo, que gera pessoas que possuem todas as dimensões do humano como experiência, simplesmente pelo fato de estarem mergulhadas num lugar que Cristo gerou e continua gerando através do espírito de um carisma



como o nosso, que nos alcança agora! Basta que estejamos disponíveis, como escutamos nesta noite, a nos deixarmos gerar assim.

### **Avisos:**

A próxima Escola de Comunidade acontecerá na quarta-feira, 22 de maio, às 21h00.

Neste período, trabalharemos sobre o terceiro capítulo, intitulado: “De esperança és fonte vivaz” e sobre a conclusão, “Ao fim do percurso” (pp. 355 a 360). Também retomaremos a Introdução dos Exercícios da Fraternidade.

Este ano, o Cartaz de Páscoa é *Cristo e os apóstolos*, um detalhe dos afrescos da Igreja de Santa Margarida (Laggio di Cadore-Belluno). Esta é a frase de Dom Giussani que escolhemos: “As pessoas que iam atrás d'Ele, os discípulos que foram atrás d'Ele, eram uns pobres coitados como eu e como você, mas toda a novidade da esperança, a certeza absolutamente nova, a realidade nova que eles se tornaram era aquela Presença. A contemporaneidade daquela Presença para mim, para os meus filhos, para aqueles que virão depois, daqui a cem milhões de anos: esta é a vitória que vence o mundo, esta é a novidade absoluta, este é o divino na história! Eu continuo a ser aquele pobre coitado que sou, mas com Cristo tenho certeza, sou rico. O que possibilita amar a minha pessoa - a minha pessoa como algo fascinante - é que exista essa Presença. Com efeito, só na companhia d'Ele é que a pessoa ama a si mesma, só pode falar de afeição a si quem carrega essa mensagem; amor a si e, portanto, amor aos outros”.

Vocês também podem encontrá-lo na versão vídeo no site e nos canais sociais de CL. É uma outra maneira de poder difundir-lo e compartilhá-lo com os amigos e conhecidos.

*Passos*. O número de abril tem como tema do Destaque a política. A tentativa que nos interessa compartilhar é de viver tudo e, portanto, também a política, como ocasião para descobrir a originalidade que a fé traz à vida, os frutos que nos indicam a árvore. Também nesse caso, *Passos* nos ajuda a alargar o olhar, para não sermos reféns da mentalidade dominante.

O livro do mês para abril e maio [na Itália] é o romance *Lettere di Nicodemo*, de Jan Dobraczynski (Edizione Morcelliana). Ontem, um amigo me dizia que o que o tocou deste romance foi o motivo pelo qual Nicodemos encontra Jesus, que é a doença de sua mulher. Somos levados a pensar que as coisas que nos acontecem são um obstáculo. Ao contrário, a ferida não é o fim de tudo, mas representa a possibilidade de encontrar o verdadeiro. Parece-me pertinente a tantas situações humanas nas quais nos encontramos, como as que ouvimos hoje.

Exercícios Espirituais da Fraternidade. O gesto dos Exercícios começa com o jantar da sexta-feira. Para a chegada, peço que levem em conta um horário de partida adequado, considerando o trânsito nas estradas. O gesto é feito também de silêncio, de canto, de oração e de atenção ao outro. Por isso, estejamos disponíveis a vivê-lo em sua totalidade para que se torne incisivo na nossa vida.

*Veni Sancte Spiritus*

Boa noite a todos!